

Um projeto de Pobreza: estudo da Urbanização de Florianópolis- final do séc. XIX e início do séc. XX

A project of Poverty: study of the urbanization of Florianópolis- end of the 19th and beginning of the 20th century

Victória Pozzebon Scabora¹

Resumo: o seguinte artigo científico apresenta uma análise da Urbanização de Florianópolis do final do séc. XIX e início do séc. XX como trabalho final da disciplina de História de Santa Catarina. A pesquisa busca refletir sobre o aumento da pobreza em Florianópolis durante os anos das reformas urbanas, a partir de fontes de jornais, relatos de viagens e discussões historiográficas.

Palavra-chave: urbanização; pobreza; espaço.

Abstract: the following scientific article presents an analysis of the urbanization of Florianópolis at the end of the 19th century and beginning of the 20th century as the final work of the discipline of History of Santa Catarina. The research seeks to reflect on the increase in poverty in Florianópolis during the years of urban reforms, based on newspaper sources, travel reports and historiographical discussions.

Keyword: urbanization; poverty; space.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o projeto de urbanização de Florianópolis de Florianópolis como um projeto de criação de pobreza e desigualdade social. A partir do estudo do espaço urbano como instrumento condicionante da análise, o estudo demonstrará em que medida a racionalidade Segregatória se efetivou no ambiente urbano, consolidando-se em um projeto de modernização e progresso no século XX. Este que constituiu, também, políticas proliferárias das segmentações, expulsões e formações das periferias sociais, por meio de agentes privados de interesses políticos e econômicos dominantes.

Isto é, a contínua expulsão da população pobre dos centros da cidade como parte do planejamento urbano de uma Florianópolis do séc XX. Em diálogo com o discurso da higienização da classe dominante e o financiamento para a garantia da exclusividade espacial para a elite de desterro, as consequências foram os altos índices de segregação

¹ Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: vicscabora@gmail.com.

Um projeto de Pobreza: estudo da Urbanização de Florianópolis- final do séc. XIX e início do séc. XX -
Victória Pozzebon Scabora

espacial da desigualdade social na ILHA. Um Planejamento Urbano como recorte de classe, a classe de quem o financie. Não pode haver silenciamento da agência dos responsáveis históricos dessa expulsão.

Busca-se, então, com este trabalho, responder às demandas de estudo das repercussões das reformas Urbanas, arquitetônicas e sanitárias, em Florianópolis no cenário da construção do projeto de Urbanização da Cidade. Além de uma pesquisa cuidadosa das agências dos grupos locais dominantes em atuar a favor de políticas preponderantes aos interesses, socioeconômicos, de sua classe. Por fim, tentando responder as relações entre “territorialização da pobreza” observada por Santos (2009), e a Racionalidade Segregatória de Araújo (1989), isto é, refletindo sobre uma Urbanização da Pobreza em desenvolvimento e aprofundamento a partir do início do século XX, em Florianópolis.

A fontes utilizadas foram: uma reportagem do Jornal A República referente à expulsão da Bulha em 1920; um relato de Virgílio Várzea descrevendo as formações comerciais da Ilha e a ausência de estruturas modernas; e um mapa estratigráfico que apresenta a evolução Urbana de Florianópolis a partir da organização dos loteamentos.

O Espaço, a Cidade e o Urbano: o estudo do espaço como método de análise de Desterro no século XX.

O estudo do espaço enquanto elemento primordial da análise deste artigo, parte, principalmente, da compreensão deste, enquanto palco dinâmico das transformações da História, enquanto território das agências políticas, das alterações do urbano e da cidade. Assim como afirma Santos:

[...] o território não é apenas teatro do jogo econômico; ele se torna fator determinante. Tal como ele se organiza para a modernidade, o território é base comum de operação para todos os atores, mas é sobretudo favorável às corporações.²

Isto é, o espaço, aqui, diante do recorte temático, temporal e pensando as transformações econômicas e sociais do contexto relacionadas à cidade, fazem dele instrumento essencial. Ademais, este importante elemento de análise adere à uma posição condicionante desta investigação acerca do projeto de desigualdade social da cidade de Desterro no início do séc. XX.

² SANTOS, 1993, p.118;

A Cidade, assim como o “território”, também não se limita a ser palco passivo dos acontecimentos, mas pelo contrário, é a grande impulsionadora e produtora de pobreza principalmente no século XX. Como afirma Santos:

A Cidade em si, como relação social e materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial.³

Nesse sentido, o estudo da desigualdade social em Desterro como reflexo dos processos de Urbanização do final do século XIX e início do XX, perpassam invariavelmente uma pesquisa acerca das segregações espaciais da pobreza na Ilha. Além disso, a Cidade sendo disputada por projetos e agências de Urbanização, que fazem de seu território instrumento primordial para a garantia do modelo socioeconômico de reorganização espacial, isto é, de segregação e exploração⁴.

André Santos (2009) em sua tese, faz um estudo aprofundado sobre a espacialização da pobreza em Florianópolis ao longo dos séculos, começando pelas ocupações açorianas, até os processos de Urbanização do séc XX. O esforço desse artigo será partir do mesmo método, e embasamento teórico, utilizado por Santos (2009), para cumprir o objetivo da análise proposto. Como afirmou este, não é possível buscar entender as transformações sociais, políticas, econômicas e principalmente a formação da pobreza em Florianópolis sem entender o espaço com um papel indispensável⁵.

Urbanização da pobreza: um projeto

Partindo das compreensões de Lefebvre (1968), sabe-se que todo processo de Urbanização responde aos interesses de um grupo dominante, uma *estratégia de classe*¹. Nesse sentido, entende-se a grande produção de pobreza do período do final do séc XIX e início do séc. XX, como consequência do projeto de urbanização das cidades e das agências econômicas e políticas atuantes no contexto. Dessa forma, dois grandes eixos balizadores são responsáveis: as pressões e transformações do sistema econômico

³ SANTOS, 1993, p. 10

⁴ LEFEBVRE, 1968, p.47

⁵ SANTOS, 2009, p.31

vigente, a partir dos avanços do capitalismo industrial no período; e a influência dos modelos ideológicos de desenvolvimento, o espectro de modernidade e progresso⁶.

Especialistas do processo de Urbanização brasileiro, aprofundam na diversidade regional que a Industrialização adquiri nos polos e núcleos Urbanos a partir das especificidades da formação socioeconômica de cada cidade⁷. O caso de Desterro, apresenta características importantes de desenvolvimento comercial do porto e de indústrias locais, além da variabilidade nos setores do trabalho administrativo e construção civil⁸. Porém, como foi ressaltado anteriormente, todo processo de Urbanização responde à interesses de um grupo dominante. A partir dos estudos de Araújo (1989), Santos (2009) e das fontes, do jornal “A República” e do relato de Várzea, foi possível identificar essas agências tanto nos fluxos econômicos, quanto, e principalmente, nas políticas de modernização da recém chamada Florianópolis.

A projeção do desenvolvimento econômico na Ilha evidentemente respondia à uma tendência nacional à Urbanização e crescimento do capital industrial⁹, mas também era muito almejado pelas elites locais, já que não recebia tanto incentivo e financiamento pelo governo da república. Dessa forma buscou-se muito na construção civil e investimentos externos para dar fluxo à economia local e impulsionar o desenvolvimento da Urbanização em Florianópolis¹⁰. Esta que teve como grandes marcos, a construção da Ponte Hercílio Luz; reforma do Palácio do governo, investimentos em serviços públicos e trabalhos nos setores administrativos, que refletiu um status privilegiado também.

De acordo com a autora, tanto as transformações econômicas impulsionavam os processos de urbanização da ilha, quanto estes eram condicionados pelos regimentos do governo do Estado que chegavam desde os finais do séc XIX. O chamado “O Código de Posturas”¹¹ de 1889, que projetavam padrões Urbanos e arquitetônicos da Ilha¹².

⁶ SANTOS, 1993, p.119;

⁷ Ibid., p.45;

⁸ VEIGA, 2010, p.147;

⁹ LEFEBVRE, 1968, p.16;

¹⁰ VEIGA, 2010, p.146;

¹¹ Código de Posturas: documento do estado que regia principalmente acerca dos elementos arquitetônicos autorizados e padronizados pelo governo da República, mas também legislava sobre ações e posturas. O documento municipal denominava-se: Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Desterro (1889).

¹² VEIGA, 2010, p.138;

É possível identificar as agências dessas elites locais em Florianópolis tanto na aplicação dos documentos do Estado que chegavam aos órgãos públicos, quanto nas medidas de reformas e reestruturação Urbana que eram justificadas pelo comércio. O trecho do relato de Virgílio Várzea expressa as projeções de pensamento dessa elite acerca do meio urbano, possibilidades de alteração, a prioridade do comércio etc.

[...] com uma população em torno de quinze mil almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longínquos, com casas comerciais, oficinas e fábricas, quase todas acumuladas em um ponto determinado e central, ela só apresenta movimento e bulício do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do comércio (Altino Correa e João Pinto), principalmente, e a praça XV de Novembro, na parte do cais, transbordam de povo, em uma afluência contínua, sobrelevada duas vezes por semana pela doas alemães e nacionais, acudindo à cidade com seus gêneros e mercadorias trazidos das colônias e sítios próximos do Continente e da Ilha. À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível, hoje, em um centro que tanto tem progredindo ultimamente), reina certa melancolia, particularmente se o rebojo do sul bate à cidade, embocando furioso nas ruas e uivando em rajadas.¹³¹⁴

Além de demonstrar a atuação dessa elite florianopolitana nos membros dos processos institucionais, as aparentes reestruturações da Cidade, presentes neste trecho, demonstra como havia uma centralidade de interesse, dessa elite, em garantir melhorias e reformas na Cidade. Para além de uma simples resposta às transformações econômicas, como já citado anteriormente, esse grupo era permeado constantemente pelo espectro de “progresso” e “modernidade” que chegava à Florianópolis um pouco mais tardiamente do que à outras capitais.

É evidente que tais compreensões ideológicas não estavam, em si, desvinculadas do processo econômico, mas a consciência e a intensidade dessas elites sobre este segundo aspecto eram extremamente diferenciadas. De acordo com Araújo (1989), os ideais de progresso e modernização tiveram grande influência nas políticas do governo da república, tendo como marco as Reformas Sanitaristas e políticas de “Higienização” usadas nas capitais. Em Florianópolis, as elites eram os principais responsáveis pela apropriação das determinações do governo do estado e aplicação de alterações Urbanas

¹³ VÁRZEA, V., p.56, 1913;

¹⁴ Virgílio Várzea era um escritor, jornalista e político brasileiro nascido em 1863, no Rio de Janeiro. Um de seus livros trazia suas reflexões acerca de Florianópolis: “Santa Catarina: A Ilha”.

justificadas pelas políticas de saneamento e higienização unidas às noções de progresso e modernização.

Os habitantes que formavam população de pescadores, Lavadeiras, biscateiras, carregadores, trabalhadores do porto, meretrizes, mendigos etc., tinham nos bairros da Figueira, assim como no da Tronqueira, da Toca e da Pedreira (todos na área do centro urbano) o seu lugar de maior concentração e convívio. E segundo os ímpetus de remodelação que se abateram nesta época na cidade, as habitações destes locais eram descritas de maneira condenatória¹⁵.

É neste contexto que a classe dominante realiza uma nova reorganização e ajustamento social, resultando no início das grandes expulsões da população pobre das áreas mais centrais da Cidade. Torna-se cotidiano os deslocamentos e expulsões argumentados pelo não cumprimento dos padrões arquitetônicos das fachadas, de saneamento e higiene das casas, o apelo das elites à limpeza dos bairros centrais e a valorização e especulação de determinados terrenos¹⁶.

O grande marco dessas expulsões em massa como parte de um projeto de Urbanização da elite, foi chamada “Expulsão da Bulha”, quando toda população que se encontrava na avenida Hercílio Luz foi expulsa e teve seus cortiços demolidos para dar lugar à nova avenida inaugurada em setembro de 1922. Assim como o projeto de Urbanização refletia os interesses da elite florianopolitana na reorganização social e espacial, ele era carregado dos ideais de progresso e modernidade na própria argumentação de defesa. Como fica explícito na descrição do Jornal “A República”:

Avenida Hercílio Luz

Após alguns dias de trabalho os operários conseguiram demolir as abóbadas da ponte da pedra do rio da Bulha, à rua Tiradentes. As abóbadas, bem como o pilar central, constituíam um maciço de alvenaria de pedra consistente, resistindo dias e dias à ação da picareta e da dinamite. [...] Uma turma de operários do Saneamento está ativamente trabalhando ali para a mudança da rede de canalização de água. Ao lado do Quartel já foi retirado todo o encanamento. Continuam os serviços de demolição das casas desapropriadas. Na rua Pedro Soares, esquina da Fernando Machado, já foi completamente demolida a casa ali existente. As escavações, seguindo o nivelamento da avenida, já alcançaram a rua Pedro Soares. Em toda a extensão do trecho da avenida estão sendo colocados pela superintendência blocos de granito destinados à construção do meio fio. O lado da residência do Sr. Pedro

¹⁵ ARAÚJO, 1989, p. 36;

¹⁶ Ibid., p. 22;

Cruz, onde existiam antigamente alguns casebres, está completamente aterrado, apresentando um magnífico aspecto¹⁷.

Santos (2009) afirma que é a partir desse contexto de segregações urbanas, principalmente nos anos 30, que se explicita o que ele chama de “territorialização da pobreza”, com uma agência consciente e planejada da elite de Florianópolis em determinar o espaço urbano:

[...] a população pobre de Florianópolis não se beneficiava nos processos de mudança urbana que foram empreendidos na cidade. Ao contrário, as mudanças empreendidas pelo Estado e as classes dominantes impuseram deslocamentos e pioraram as condições gerais da vida dos mais pobres no momento imediato a cada mudança¹⁸.

O que faz relacionar à própria formação social dos Morros, comunidades e favelas em Florianópolis. A ocupação destas são resultantes desses “deslocamentos” forçados que as políticas de Urbanização e reajustamento social da Cidade refletiram. Santos (2009) afirma que a grande subida aos morros da população pobre de Florianópolis foi após à expulsão da Bulha e a reforma da avenida central. O que Santos deixa evidente em sua tese é como o processo de formação e criação de pobreza em Florianópolis não é contemporâneo. Ele carrega aspectos desde a formação da Cidade, mas se intensifica e aumenta imensuravelmente a partir dos processos de Urbanização¹⁹. Uma Urbanização que responde às tendências de avanços socioeconômicos e à modernização nacional, mas que, principalmente, é projetada e aplicada por uma elite florianopolitana articulada em promover um “reajustamento social da população” a partir dos próprios desejos burgueses de organização social e territorial. Um projeto que foi pensado, não de forma linear e conscientemente por todo coletivo, mas como uma *estratégia de classe*²⁰, em prol dos interesses da elite vigente²¹.

¹⁷ Jornal A REPÚBLICA, p.2, 1920;

¹⁸ SANTOS, 2009, p.36;

¹⁹ Ibid., p. 38;

²⁰ Estratégia de classe: não como resultado supracosciente linear e progressivo de todos os indivíduos, mas sim como correspondente à acúmulos coletivos que respondem aos interesses sociopolíticos da classe dominante, conscientes ou não (LEFEBVRE, 1968, p.21).

²¹ Configura-se em classe dominante do sistema econômico, a partir do aprofundamento nas formas de divisão e exploração do trabalho, na Ilha.

Considerações finais

A intenção deste artigo foi compreender o projeto de Urbanização de Florianópolis a partir do estudo do espaço e do território da Cidade como instrumento dinâmico, participante e condicionante da análise. Partindo dos debates historiográficos acerca do espaço enquanto ferramenta de análise; olhar de síntese da urbanização no Brasil; aprofundamento do urbano na arquitetura da ilha; influências do Sanitarismo na racionalidade da cidade; e a territorialização da pobreza, que este estudo se desenvolveu.

Alicerçado pelas fontes apresentadas foi possível aprofundar e apresentar o importante papel das elites florianopolitanas na agência estratégica do projeto de Urbanização da Cidade. Um projeto impulsionado pelos processos de modernização e avanços do sistema econômico, conseqüente do crescimento comercial e demográfico, um projeto de expulsão constante da população pobre de acordo com os interesses de reajuste socioespacial da elite. Um projeto de Urbanização de Florianópolis gerador do aumento de pobreza, de desigualdade social, criador de uma segregação espacial e formados de grandes periferias sociais.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Hermes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

GONÇALVES, Beatrice Corrêa de Oliveira. **As cozinheiras que transformaram o mocotó em um símbolo**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia- UFSC, 2010.

LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. 1ª Edição. São Paulo. Editora Moraes, 1968.

PEREIRA, Elson M. **Qual planejamento urbano na sociedade da incerteza?** Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p 103-121, jan./jun. 2010. Pp 103-121.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. Tese de doutorado em geografia apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

SANTOS, Milton. **A Urbanização brasileira**. 5ª edição. São Paulo. Editora da USP - Vol. 6. 1993.

VEIGA, Eliane. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: UFSC, 2010. (Coleção memória de Florianópolis; v.4) Número de chamada: 72(816.406.02) V426.

Um projeto de Pobreza: estudo da Urbanização de Florianópolis- final do séc. XIX e início do séc. XX -

Victória Pozzebon Scabora

Fontes:

Jornal A República. Biblioteca Pública Estadual: p.2, 20 de fevereiro de 1920.

SEPHAN/IPUF-**Projeto Evolução Urbana de Florianópolis (1927). Área Central de Florianópolis entre 1927-1929.** Esc. 1:10.000-1987/SUSP-Projeto de um Loteamento aprovado em 1929-caixa 1001 a 1150 processo nº 1103.

VÁRZEA, Virgílio, op.cit. p.56. **Sobre as mais destacadas firmas comerciais que se estabeleceram nas principais ruas do centro urbano**, Charles Edgar Mortiz (1913) brindou-nos com seu depoimento. CF. Laboratório de História Oral, CCH-UFSC, 1987. IN: VEIGA, Eliane. Florianópolis: memória urbana. Florianópolis: UFSC, 2010.

Data de envio: 10 de junho de 2019

Data de aceite: 05 de fevereiro de 2020